

**Transcrição da apresentação da Escola de Comunidade
com S.E. Dom Filippo Santoro
por videoconferência de Milão, 9 de fevereiro de 2022**

Texto de referência: L. Giussani, Dar a vida pela obra de Outro, São Paulo: Cia Ilimitada, 2022, pp. 29-46.

Daide Proseri

Boa noite a todos! Finalmente nos encontramos para recomeçar o trabalho de Escola de Comunidade sobre o novo texto que nos acompanhará nos próximos meses: *Dar a vida pela obra de Outro*, o último livro de Dom Giussani. Como prometido, está aqui conosco Sua Excelência Dom Filippo Santoro que, além de Arcebispo de Tarento, também é o Delegado Especial do Santo Padre para os Memores Domini. Esta noite, ele nos apresentará a primeira parte do livro (da página 29 à página 46), sobre a qual trabalharemos nas próximas semanas, até o próximo encontro, no dia 23 de março.

Filippo Santoro

Gostaria de começar com uma oração, porque sem o dom do Espírito não conseguiríamos entender – como mensagem para nós, como proposta para a nossa vida – tudo o que nos dizemos, que comunicamos uns aos outros. Por isso, invoquemos o Espírito Santo.

*Oh! vinde, Espírito Criador
Veni Sancte Spiritus*

Eu também cumprimento a todos: boa noite aos que são daqui, bom dia ou boa noite aos que são de outras partes do mundo. Neste momento, estamos juntos para aprofundar o texto de Dom Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*.

É precisamente pela obra de Outro que estou aqui para apresentar o texto da nova Escola de Comunidade e, sobretudo, que também estou acompanhando os *Memores Domini* como Delegado Especial do Santo Padre, a partir de um seu pedido explícito e cordial.

Eu nunca teria pensado nessas duas tarefas tão sérias e tão fora do meu programa. Já me ocupa plenamente cuidar da Arquidiocese de Tarento e o trabalho com a pastoral social, que culminou na 49ª Semana Social dos Católicos Italianos, realizada em Tarento em outubro passado, com a participação de quase todas as dioceses italianas.

Eu já disse no Retiro de Advento dos Memores Domini que o pedido do Papa Francisco tem na minha vida o mesmo peso que o pedido feito por Dom Giussani em 1984, quando ele me pediu para ir em missão ao Brasil, com um convite muito simples e claro: “Você iria de bom grado ao Brasil?” Aquele “de bom grado” me cativou. Foi um convite direto. Senti minha liberdade desafiada, não como se estivesse diante de um dever, mas diante de uma voz inconfundível que me pedia para me confiar de novo e totalmente. Àquele a quem eu tinha começado a conhecer e que propunha um a mais para minha vida. Com o coração e o ímpeto da juventude eu disse sim, e fiquei em paz mesmo diante do sacrifício que me era pedido: deixar minha mãe idosa e doente, os compromissos diocesanos e muitos amigos. Tratava-se de seguir a outro, para além dos meus planos. A mesma coisa aconteceu com o convite do Santo Padre, que me provocou a responder novamente, e eu disse sim com toda a minha liberdade.

A nova tarefa começou com uma surpresa: fui imediatamente surpreendido por uma luz extraordinária produzida pelo sim de 52 novíços dos Memores, que me pediram para fazer a profissão com uma liberdade, uma verdade e uma beleza que documentam que o carisma está vivo. Rapazes e moças bonitas que afirmavam que a forma mais verdadeira de viver é se entregar totalmente a Cristo, porque n’Ele está a plenitude da vida. Essa luz iluminou todos os encontros que tive com os Memores, começando pelas casas de Tarento e de algumas regiões do sul da Itália, indo

depois para a Espanha, encontrando por videoconferência os Memores dos Estados Unidos e, por fim, na América Latina, onde encontrei pessoalmente os meus amigos brasileiros e via Zoom todos os outros.

Nesse período, ouvir sobre a vida das pessoas está precedendo toda intervenção do tipo canônico e jurídico que, entretanto, é necessária. Minha pessoa está envolvida, e tudo isso me remete a um trabalho pessoal de Escola de Comunidade, que dá um novo gosto à minha vida e aos compromissos do meu ministério. De modo concreto, cada um de nós deve dedicar pelo menos dez minutos por dia à Escola de Comunidade, para que a vida assuma uma direção nova. Sem um trabalho da liberdade, não há crescimento pessoal. Como padre e bispo tenho a liturgia, o breviário, o rosário, os pobres, os sacerdotes, a tarefa de resolver o injusto conflito em Tarento entre a defesa da saúde, do meio ambiente e do trabalho; mas, em tudo isso, eu não renuncio aos meus dez minutos de Escola de Comunidade. É realmente um conforto e um grande respiro e, ao mesmo tempo, um trabalho.

Dentro da novidade que aconteceu inesperadamente na minha vida, esta noite tenho a tarefa de apresentar a vocês, com o compromisso de ser breve, a primeira parte do texto que repropõe os Exercícios da Fraternidade de 1997.

Para os muitos entre nós que não estavam lá na época, é oportuno situar essa circunstância já distante. Dom Giussani, ao contrário de todas as suas falas anteriores, daquela vez não falou de improviso. Estávamos acostumados a “ver” diante de nossos olhos um discurso que “acontecia” ao vivo, saindo da programação, das anotações, das citações e das cartas que Dom Giussani acumulava nas semanas e nos dias precedentes, trazendo no coração os rostos do seu povo. Pelas dificuldades causadas pela doença, naquele ano ele decidiu escrever o seu discurso e depois gravá-lo diante de um grupo de amigos. Por isso, o vídeo que foi proposto tinha uma densidade especial, própria de um texto pensado palavra por palavra. É o texto sobre o qual vamos trabalhar.

Além disso, como ele próprio disse, esse discurso tinha a intenção de representar o conteúdo de consciência amadurecido durante aqueles anos, o ápice do seu pensamento, do seu modo de viver o Mistério e o acontecimento cristão. Para nos introduzir no texto, o rico Prefácio de padre Julián Carrón vai nessa direção.

Vamos começar juntos um trabalho que é certamente desafiador, mas ainda mais fascinante, eu diria quase intrigante.

Introdução

Antes de mais nada, olhemos com grande atenção para a Introdução da Palestra, pois, em certo sentido, ela contém o coração da proposta que Dom Giussani nos faz (a partir da página 33).

1. Em primeiro lugar, Dom Gius identifica um momento histórico, a morte de Luís XIV da França (estamos em 1715), como o sinal de uma época em que o **racionalismo** toma a frente definitivamente: o homem, agora sem limites, pretende ser a medida de todas as coisas. Esse caminho está praticamente completo hoje: o racionalismo representa uma posição geral. Verifiquei isso em Tarento quando o Magnífico Reitor da Universidade de Bari inaugurou a Faculdade de Medicina e disse, com as palavras do filósofo sofista Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas”. Tomando a palavra, eu intervim. Eles me pediram apenas para dar uma bênção, mas eu não pude ficar calado. Então eu disse: “Bem, o Magnífico Reitor citou Protágoras de Abdera, mas como estamos em Tarento, capital da Magna Grécia e pátria do filósofo platônico Arquitas, não posso deixar de mencionar Platão que, na obra *As Leis*, afirmou que ‘Deus é a medida do homem’”. Em suma, devemos nos defender, e atacar!

2. Diante da prevalência do racionalismo, o que acontece? A Igreja recua: **encastela-se no nível pastoral**, para defender a “moralidade do povo”. Por isso, trabalhou na pastoral, para melhorar a vida das pessoas, etc.

3. Atenção! Encastelar-se na pastoral é correto, mas isso foi feito **dando por óbvia a evidência – para um fiel – do conteúdo dogmático**. Como se dissesse: “Isso nós já sabemos, vamos nos empenhar com a ação, e basta”.

4. Dom Giussani acrescenta: “Foi assim favorecida uma falta de defesa e de alimento da fé do povo de Deus, na medida em que é pela **atividade cultural** que a vida de um povo se aprofunda e se torna historicamente geradora, a favor da tradição cristã que construiu a civilização ocidental ou contra ela” (p. 33).

Vamos nos deter nessas passagens da página 11 que acabei de ler para vocês, para descobrir como elas são apropriadas para ler o “mundo” em que vivemos, bem como o modo como grande parte da Igreja propõe a si mesma e como nós mesmos concebemos e vivemos a vida cristã.

Primeiro. Vivemos em um contexto no qual a razão pretende ser a medida de todas as coisas. Não teremos chegado, hoje, num ponto em que essa pretensão assume aspectos que apenas poucas vezes proféticas podiam prever 25 anos atrás? O início e o fim da vida, a natureza do matrimônio, a identidade sexual da pessoa, já não são um “dado” a ser acolhido, já não são reconhecidos como dados pelo Mistério, mas dependem do arbítrio racionalista do homem.

Segundo. “A Igreja [...], atacada pelo racionalismo, ressaltou a ética ao povo [...], dando como pressuposta a ontologia, quase obliterando-lhe a força originária” (p. 41). A Igreja enfatiza a ética: “Comportem-se bem”, esquecendo a ontologia; não esquecendo-a, mas pondo-a em segundo plano. Enfatiza, então, a moral, vivida por cada um de acordo com suas boas razões, segundo as características próprias do contexto em que vive, segundo a própria sensibilidade. Eis, então, a ênfase sobre a Igreja entendida como defensora da família e da vida, dos pobres e da justiça social, da identidade e da moral sexual, do ambiente, e poderíamos continuar a lista.

Que fique claro, são todos aspectos valiosos, pontos importantes, mas o problema surge quando esses conteúdos morais (ou pastorais) se tornam o coração da “boa nova” da Igreja. É como pretender que os vagões deem velocidade ao trem e não a locomotiva! É justo se empenhar com todas essas coisas, mas há o ponto motor que determina a qualidade do juízo sobre todos esses aspectos.

Terceiro. Pois bem, chegamos ao terceiro passo: a negligência do elemento dogmático, do conteúdo próprio do anúncio cristão. “Considero que a genialidade do movimento que vi nascer – escreveu Dom Giussani em sua última carta a João Paulo II em 2004 – é ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de um retorno aos aspectos elementares do cristianismo, ou, em outras palavras, a paixão pelo fato cristão enquanto tal, em seus elementos originais, e nada mais” (*Passos*, abr. 2004), a paixão por voltar aos aspectos fundamentais do cristianismo.

Quarto. A quarta passagem da Introdução é surpreendente: dar por óbvio o conteúdo dogmático (a ontologia, ele dirá na palestra) coincide com a perda da atividade cultural, que aprofunda e gera a vida do povo. Por que é importante ficar atento a essa passagem? Porque revela que a raiz da cultura está na ontologia, no Ser, no Acontecimento. A cultura – disse Dom Gius muitas vezes – se identifica com “*por quem se vive*”. Isso significa que a defesa da vida e da família, o amor pela justiça social e a tutela do ambiente, não representam o coração da atividade cultural do cristão, mas apenas as implicações de uma ontologia que deve ser reconhecida e vivida.

Antes sugerir uma chave de leitura para as duas palestras de Dom Giussani, gostaria de concluir a Introdução detendo-me sobre um **aspecto metodológico** que pude notar lendo o texto com calma. É um texto que deve ser meditado e lido com calma. Qual é o aspecto metodológico que quero salientar?

Nós não sabemos o que está escrito nestas páginas. Vamos partir da hipótese realista de que *pensamos* de outra forma: estamos dentro, e plenamente dentro, da redução do fato cristão denunciado neste texto. Nós pensamos como todos pensam e, por isso, é muito importante o trabalho de Escola de Comunidade.

Como Giussani disse uma vez a um grupo de responsáveis (sei de cor): “O problema de vocês não é a coerência, não é um defeito de aplicação. É um problema de mentalidade: vocês não pensam como eu penso”. Portanto, é necessária uma conversão da mentalidade.

Não nos escandalizemos com esse juízo; pelo contrário, ele esclarece a natureza do caminho que retomamos mais uma vez, hoje: é uma *escola*, “Escola de Comunidade”. E, como em toda escola, há a dificuldade de entender, há aqueles que podem nos ajudar mais do que outros, há um diálogo em que a conquista de um se torna patrimônio de todos. Por isso, se algo não estiver claro na minha explicação será possível fazer perguntas, as quais serão respondidas no próximo encontro, para nos ajudar a identificar os pontos de mudança da mentalidade.

Passemos, então, à primeira palestra.

“DEUS É TUDO EM TUDO”

1. Um novo ponto de partida: a ontologia

Em primeiro lugar, gostaria de salientar que esta palestra, assim como a próxima, está *repleta de perguntas*. Dom Giussani faz uma pergunta atrás da outra, ele nos pressiona justamente para desconstruir certa maneira de pensar. Ele faz a si mesmo as perguntas mais radicais, as perguntas de um homem que, no limiar do Mistério, pensa no mistério da própria existência, do próprio ser. Neste tempo de pandemia, todos nós fomos chamados a pensar no mistério da nossa vida. Escapamos, passamos perto, perdemos muitos amigos, muitas pessoas queridas, muito queridas, e como não nos deixar abalar pela pergunta sobre o Mistério e sobre o mistério da nossa vida? Como posso falar com uma amiga que tem três filhos e perdeu o marido, morto ainda jovem de Covid, a não ser estando diante do Mistério e do mistério da nossa vida? Se não nos identificarmos com essa posição vertiginosa, se não enfrentarmos a dificuldade de um caminho, de um trabalho, as respostas que encontraremos ao longo do percurso não serão entendidas em sua verdade e em sua beleza.

A primeira palestra aborda uma pergunta radical: “*O que é Deus para o homem?*” São Paulo dá a resposta: “Deus é tudo em tudo” (1Cor 15,28).

O ponto de partida, portanto, é **ontológico**: partimos da realidade como ela é: “Para o homem, Deus é tudo!” (ver p. 77).

Mas logo depois Dom Gius se apressa em dizer que, se “Deus é tudo em tudo”, o homem não é anulado (como se dissesse: Ele é tudo, então não somos nada), mas, pelo contrário, é exaltado. Ele expressa isso de duas maneiras:

- “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas, as coisas que criaste, que é o ser humano, para dele te lembrares, para que o visites?”, diz o Salmo 8. E Dom Gius comenta: “No entanto, nós somos o nível vertiginoso da natureza em que a natureza vive a consciência de si mesma” (p. 35). O eu de cada um de nós é a **autoconsciência** do cosmos.

- E, mais adiante, diz: diante desse “tudo”, “diante desse Senhor, o eu humano tem **sede** d’Ele” (p. 36). O eu tem sede da eternidade.

Diante da afirmação de São Paulo – “Deus é tudo em tudo” –, somos caracterizados por esses dois elementos: a **autoconsciência** e a **sede**. Aqui reside a essência, a ontologia, a grandeza do homem: a autoconsciência e a sede, isto é, o desejo.

2. Duas tentações: niilismo e panteísmo

Aqui, Dom Giussani entra no centro da questão, insistindo no movimento da ontologia: “Mas, se Deus é tudo, que sou eu? Quem é você? [...] flores e estrelas [...] que são? [...] a realidade como se mostra na experiência, isto é, como se mostra à razão do homem [...] é feita por Deus, [é feita] ‘de’ Deus [que é a consistência da realidade]. O Ser cria a partir do nada, participa-se a si mesmo” (pp. 36-37), dá o ser a todas as coisas; depois dirá que cria o homem como um “ser participado” (p. 43). Daí “a percepção da contingência da realidade, do fato de que a *realidade não se faz por si mesma*” (p. 37), como temos repetido constantemente nos últimos anos, voltando ao décimo capítulo de *O senso religioso*.

No entanto, o homem foge dessa percepção vertiginosa (de que neste momento eu não me faço por mim mesmo). Em vez do maravilhamento de ser feito neste momento, foge para outro lugar; em vez de consciência e sede, o homem sucumbe à tentação de pensar que as coisas são ilusórias e que nada tem consistência. Em vez da autoconsciência e da sede, surge a tentação de escorregar para o nada.

Insinuam-se, assim, as duas grandes tentações que atingem a nossa vida, assim como atravessaram e atingiram toda a história da humanidade:

- o **niilismo**, pelo qual as coisas que você tem, as pessoas com quem você vive, são nada, não têm uma consistência última. Não é que sejam nada, mas não têm uma consistência última.
- ou o **panteísmo**, para o qual o eu é uma parte indistinta do todo, do “grande mar do ser” pelo qual seremos definitivamente reabsorvidos no dia da nossa morte (p. 37). Uma dissolução indiferente e indiferenciada do nosso ser, um perder-se no nada, enquanto cada um de nós deseja uma eternidade pessoal, enquanto eu desejo que a minha vida continue.

Prestem atenção, não são apenas teorias, mas posições “práticas”, nas quais inexoravelmente caímos.

Qual é a consequência existencial do niilismo e do panteísmo? Aqui, Dom Giussani faz uma passagem que a princípio nos surpreende, mas que – se olharmos com atenção – torna-se um feixe de luz que desnuda o dinamismo da vida, tanto a social quanto a pessoal. “Se o homem destrói o conteúdo da [sua] experiência, dizendo ou que não é nada [niilismo] ou que é parte indistinta do ser total [panteísmo], então não há nada fora dele, ele é o único senhor de si mesmo” (p. 40), como se dissesse: sobre a minha vida, decido eu.

Assim, diante do impacto mecânico das circunstâncias, tudo o que resta é o exercício do **poder**, um poder duplo:

- um poder que “tende a ser ditatorial; [...] afirmado como única fonte e forma de ordem, embora efêmera, mas possível” (p. 38). Se não há uma consistência última, se falta uma consistência última, só conta quem tem mais poder. Isso obviamente se aplica *àqueles poucos que o conseguem*. E é o espetáculo que temos diante dos nossos olhos: dos poderes econômicos fortes que regulam o mundo, ao poder da magistratura ou dos jornais, ao personalismo grotesco de muitos líderes partidários;
- mas há um segundo aspecto: *a maioria, é claro, não o consegue*. E a eles só resta uma vida como escravos: escravos do poder de outros. Se as coisas não têm uma consistência última, domina quem tem mais poder.

Neste ponto, padre Giussani nos põe em alerta: porque o poder não é apenas da Federação ou dos Estados. A citação é valiosa: “Quanto mais se pertence a uma sociedade pequena, restrita, mais se depende de quem tem o poder nela”. Isso deve nos alertar sobre como vivemos na nossa família, na empresa em que trabalhamos, e até em nossa comunidade ou no nosso grupo de Fraternidade. “Qualquer relação torna-se poder, violência” (pp. 40-41). Então, a afirmação de que tudo é niilismo ou panteísmo não é inocente, mas é afirmar um pequeno grande poder, em vez de acolher o outro como um dom do Ser que é dado a nós, um dom que remete ao Mistério que está na origem de todas as coisas.

3. A existência do eu

No ponto 3, o niilismo e o panteísmo são retomados do ponto de vista do binômio ontologia-ética; ontologia, por um lado, e ética, por outro.

O niilismo e o panteísmo, na verdade, enquanto negação da razão, enquanto simplificações redutivas da realidade, fogem à grande questão do homem, que mais uma vez retorna: “Como é que eu existo?” A pergunta é irremediável: “Como é que eu existo?”, “Como tenho consistência?” Esta pergunta identifica o nível ontológico [...] da questão. Mas o racionalismo niilista ou panteísta exasperou a incidência ética do problema [humano], reduzindo tudo à afirmação do homem [reduzindo tudo à afirmação individualista de si]; e a afirmação do homem é [...] uma violência diante de si mesmo e diante do mistério do mundo” (p. 41).

Neste pensamento estão inseridas as três palavras que descrevem a misteriosa condição existencial de cada um de nós. Como vocês veem, é mesmo necessário invocar do Espírito para prosseguir o caminho! São todos passos densos, mas extraordinariamente bonitos, fortes!

Liberdade

Em primeiro lugar, Dom Gius nos diz uma coisa surpreendente. O homem, como vimos, é partícipe do Deus que é tudo em tudo; não uma parte, não um pequeno pedaço de Deus, mas partícipe de Deus porque recebe o ser de Deus. Há um ponto no qual, porém, o seu ser “fica de fora” da inevitabilidade de ser partícipe do Ser: a liberdade.

Este é o verdadeiro mistério da criação: o Mistério criou algo que não se identifica com Ele próprio. “A liberdade é a única coisa que se mostra à razão como fora de Deus”. Claro, “se o Ser, Deus, é tudo, a liberdade é reconhecer que Deus é tudo”. De fato, “o Mistério quis ser reconhecido pela nossa liberdade [posso dizer: ‘Eu te reconheço’, mas também posso cometer a tolice de não reconhecê-Lo], quis gerar seu próprio reconhecimento” (p. 42). Deus quis, portanto, correr esse risco. Esse é o verdadeiro mistério da criação. Pensem que mergulho vertiginoso na liberdade! Deus criou algo que pode dizer não a Ele, que pode lhe dizer que Ele não tem a ver com a vida cotidiana, que não tem a ver com o que vivemos hoje, que não tem a ver com os encontros que fizemos, que não tem a ver com tudo o que existe; só nós, pequenos ou grandes servos do poder, temos a ver com isso.

Pedir para ser

“Como liberdade, a natureza do ser partícipe expressa-se [...] como *oração*”, que existencialmente “é pedido, ‘pedido de ser’ [eu peço para ser, por isso, no início pedimos ao Espírito. *Sine tuo numine nihil est em homine*, sem o seu poder não há nada em nós, nada saudável, nada santo, nada salvo]. Deus quer que haja alguém que peça para ser” (p. 43). E, olhando bem, tudo o que o ser participado faz (“Quer comais, quer bebais, vigiando ou dormindo”) é, em si, oração, pedido de ser, pedido de realização.

Por isso, a afirmação das noviças e dos noviços que fizeram a profissão – “Porque este ‘sim’ contém a realização da minha vida” – é pedido de realização, é sempre pedido: “Realiza, Tu, a minha vida, com toda a minha fragilidade; realiza-me, realiza o meu ser, realiza o que eu sou”.

Pecado (A escolha pelo estranho)

Diante do pedido para ser, e junto com o pedido para ser, há um terceiro aspecto: o pecado, que é a escolha pelo estranho. O pecado é não reconhecer que Deus é tudo. “O pecado... é qualquer aspecto da ação que possa não ser coerente com ‘Deus é tudo’” (p. 45).

Assim como com Adão e Eva, o pecado é seguir um estranho, algo estranho à nossa experiência. Qual era a coisa estranha? A serpente, o tentador.

“O homem, ao rebelar-se, adere a uma realidade estranha ao seu ser, adere ao ‘mundo’, como diz Jesus, ou seja, à suma do poder” (p. 46). Portanto, esta é a escolha pelo estranho: aderir, entregar-se ao estranho, entregar-se ao estrangeiro, entregar-se ao dominador, entregar-se ao mentiroso, entregar-se ao poder; é o pecado como escolha pelo estranho.

Assim, a vida, em vez de encontrar paz e alegria mesmo nas situações mais tristes, torna-se escravidão: nos tornamos escravos do mundo, e – notem bem – quanto mais fazemos uma carreira, mais a escravidão se torna patente em nós que nos consideramos os senhores do mundo. Porventura isso não descreve a trajetória humana daqueles entre nós que ocupam mais espaço no mundo? É preciso muita simplicidade e muita humildade, como a de quem reconhece que está no seu lugar e em paz na vida. Ainda durante o gesto da profissão, uma noviça deu esse testemunho: “Fui ao cabeleireiro e a menina que estava fazendo o meu cabelo me disse: ‘Fico contente quando você está aqui, porque você transmite uma paz, você está no seu lugar. Eu queria ser como você’”. Estar em paz, como afirmação de si, e não ceder o espaço da terra ao estranho, à estranheza, ao pecado. Pensem em alguém que faz a profissão assim! Mas pensem também em nós! Deus é tudo em tudo

porque tem a ver com a cabeleireira, tem a ver com o momento da vida, com muitas situações. Esta é a consistência última, verdadeira e mais forte do nosso ser, sem termos que ir muito longe.

“Quantos donos acaba por ter quem rejeita ter o único Senhor”, disse Santo Ambrósio, citado por Dom Giussani na página 46. Esta é a conclusão a que chegam o niilismo e o panteísmo. Mas, logo antes, Dom Giussani nos lembra de toda a positividade daqueles que reconhecem que Deus é tudo: “É alegre; chega a encontrar até a letícia e, de qualquer forma, paz, mesmo nas situações mais tristes” (p. 46). A consistência da vida é fonte de letícia, é fonte de paz. Exatamente como uma amiga espanhola me escreveu: “Eles me dizem: ‘Você está melhor do que nunca!’; e uma amiga com quem almocei outro dia não podia acreditar que meus tumores se multiplicaram. Então eu disse a ela: ‘Vocês identificam estar feliz com a ausência de problemas e com o fato de que tudo vai bem’. ‘A missão se cumpre na oferta de si a Cristo’. Isso significa que qualquer circunstância é para o meu amadurecimento; e se vivo unida a Jesus, eu O estou ajudando na Redenção. Estou muito feliz por essa certeza de que a minha vida serve para alguma coisa, e eu não troco isso por nada”. A questão não é não ter problemas, mas com quem estamos. Com quem você está? Com o Ser, com o Ser que faz a sua pessoa, que a faz agora, a faz para sempre e lhe dá consistência. Por isso a amiga se surpreende: “Você está melhor do que nunca!”, no entanto, os tumores se multiplicaram! “Se vivo unida a Jesus, eu O estou ajudando Redenção”. Nós O estamos ajudando na Redenção do mundo, e estamos nos ajudando a trilhar o caminho de uma humanidade nova, de uma humanidade diferente. “Estou muito feliz por essa certeza de que a minha vida serve para alguma coisa, e eu não troco isso por nada”: ela se sente amada dentro de uma condição de fragilidade, porque justamente ali emerge um amor em toda a sua essencialidade, o seu poder, a sua proximidade.

Este é o caminho que aprendemos na Igreja e vivendo no Movimento a companhia de pessoas que viveram para a glória humana de Cristo num caminho de santidade que a Igreja está reconhecendo, pessoas que pertencem à nossa história. Junto com Dom Giussani, quero lembrar apenas alguns nomes: Enzo Piccinini, Andrea Aziani, Francis, da Uganda, Edimar, do Brasil, Novella Scardovi, padre Paolo Bargigia, padre Pigi Bernareggi, Pier Alberto Bertazzi; há muitos, mesmo os últimos, recentes, em que o milagre do ser é documentado.

Deus é tudo em tudo e Deus é para sempre. Deus está na nossa vida, que é abraçada para sempre e nunca é abandonada. E a liberdade é dizer sim a Ele. Também neste período de revisão dos Estatutos dos Memores e da Fraternidade, estamos imersos numa história de graça, uma história invadida pela presença do carisma vivo, sinal do amor do Senhor, uma graça reconhecida pela Santa Sé, com a estima e o afeto pessoal do Santo Padre.

Bom trabalho a todos e obrigado pela atenção.